

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA CRÔNICA DE MIA COUTO

Andréa Maria de Araújo LACERDA (Universidade Federal da Paraíba)

RESUMO: o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o modo como a literatura africana pós-colonialista traz à tona a dinâmica da construção de uma identidade nacional, permeada por um jogo “dicotômico” entre tradição e modernidade; por uma tensão gerada entre o local e o global. Para tanto, faremos uma leitura crítica da crônica “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, presente no livro *Cronicando* (2006), do moçambicano Mia Couto, tendo como principal eixo a análise das personagens, sobretudo da representada pela avó, cuja importância está sugerida no próprio título da narrativa. Farão parte do nosso arcabouço teórico as reflexões de Montaigne (1972), de Ecléa Bosi (1994), de Patrick Chabal (1994), de Carmen Lúcia Secco (1994) e de Stuart Hall (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Construção Identitária. Literatura Moçambicana. Mia Couto. Velhice.

1. Introdução

Segundo Stuart Hall (2005), há, pelo menos, três concepções de identidade advindas, respectivamente, do sujeito do Iluminismo (indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de razão); do sujeito sociológico (o indivíduo não é autossuficiente, mas formado na relação com outras pessoas) e do sujeito pós-moderno (não há no indivíduo uma identidade fixa, essencial ou permanente). Detendo-se nessa terceira concepção e tendo em mente alguns países africanos, que se tornaram independentes há pouquíssimos anos, vemos que a base identitária nessas ex-colônias talvez se torne mais frágil por estar arraigada também a uma cultura estrangeira. Ao nos voltarmos para a literatura desses países, mais especificamente, a moçambicana, vemos que isso reflete diretamente na escrita dos autores, quer seja por causa da própria língua em que escrevem (a do colonizador), quer seja pelas temáticas abordadas.

Autor de várias obras e detentor de prêmios como o **Vergílio Ferreira** (1999) e o da **União Latina de Literaturas Românicas** (2007), Mia Couto tornou-se um dos escritores africanos de língua portuguesa mais conhecidos no âmbito literário. Dentre suas obras estão: *Vozes anoitecidas* (1987), *Estórias abensonhadas* (1994), *Na berma de nenhuma estrada* (2002) e o livro de crônicas intitulado *Cronicando* (2006), que contém narrativas densas, inquietantes, com personagens fortes inseridos, muitas vezes, em um ambiente de guerra e de caos, outras vezes, em um ambiente de pós-guerra e de esperança de tempos melhores. Entre essas histórias temos “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, que, como dito anteriormente, será nosso objeto de análise literária.

2. Análise da narrativa

A crônica “Sangue da avó, manchando a alcatifa” narra a história de Carolina, uma velhinha que, por causa da guerra, muda-se para Maputo, capital de Moçambique, para morar com a família. Essa convivência traz à tona valores distintos que se contrapõem, a cada dia, até culminar com a volta de Carolina para a sua terra no interior.

Em muitas culturas o idoso é visto com respeito por ser dotado de experiência, de um saber adquirido com o passar dos anos. Em outras culturas, ele é marginalizado, colocado em uma posição de desvalia. Na verdade, nem precisamos pensar em culturas diferentes para percebermos como, muitas vezes, a pessoa idosa é desprezada e/ ou maltratada. É muito comum também vermos idosos que não detêm mais o “poder de voz ou de decisão”, ou seja, suas vidas são “controladas” por filhos e/ou netos que julgam estar fazendo o que é melhor para seu parente mais velho.

Ao nos voltarmos para a narrativa de Mia Couto, percebemos que há um descaso da família para com Carolina. Praticamente não há diálogos entre eles, nem tampouco ela é, ou se sente, envolvida no “seio familiar”:

Mas agora ela se inquietava olhando aquela casa empanturrada de luxos. A filha vinha da loja com sacos cheios, abarrotados.

- Esse abastecimento não é tão de mais?

- Cala, vovó. Vai lá ver televisão.

Sentavam a avó frente ao aparelho e ela ficava prisioneira das luzes. Apoiada num velha bengala, adormecia no sofá. E ali lhe deixavam. (COUTO, 2006, p. 26)

Através de um narrador intruso vamos nos familiarizando com a fria relação da família com Carolina. A impressão que temos é a de que não há necessariamente relações de afeto e sim de obrigação para com a senhora, pois não há demonstrações de carinho, mas um esfriamento nos vínculos afetivos, perceptível porque a senhora vive sozinha, negligenciada e abandonada, apesar de estar cercada por pessoas da família.

Carolina, apesar da idade avançada, era muito consciente de tudo o que acontecia ao seu redor: questionava os luxos da família, por perceber a contradição existente entre o modo de vida dos parentes e o das pessoas necessitadas, assim como ela era, que foram atingidas diretamente pela guerra. Entretanto, a família a tratava com indiferença, deixando-a entregue apenas à companhia do televisor.

Segundo Ecléa Bosi,

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode se traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. (BOSI, 1994, p. 78)

De fato, não é dada oportunidade à Carolina de se expressar, como se ela não fosse capaz de refletir ou opinar sobre algo. Para a autora, esse posicionamento do adulto é maléfico para os mais velhos, já que os impossibilita de sentir que estão sendo valorizados, de que suas opiniões ainda têm valor para os demais (p. 78).

Carolina que antes de morar com a família tinha uma imagem “sacralizada” dos parentes, considerando-os militantes cidadãos em prol da causa do povo, começa a se questionar quanto à forma que eles vivem e agem:

A vovó chegou e logo se admirou dos luxos da família. Alcatifas, mármore, carros, uísques: tudo abundava. Nos princípios, ela muito se orgulhou daquelas riquezas. A Independência, afinal, não tinha sido para o povo viver bem? Mas, depois, a velha se

foi duvidando. Afinal, de onde vinham tantas vaidades? E por que razão os tesouros desta vida não se distribuem pelos todos? (COUTO, 2006, p. 25)

Cercada de luxo, Carolina vai se inquietando cada vez mais com a situação em que está inserida. Indaga a si mesma, busca respostas, mas não as encontra, mesmo quando pergunta a algum parente.

É interessante observar que talvez por ser idosa ela não tivesse mais discernimento do que é bom ou ruim para ela, para a família e para as pessoas em geral, no entanto, a personagem é muito mais lúcida e sensata do que seus próprios filhos e netos, que são totalmente enfeitiçados pela “cultura branca europeia”, pelo que “vem de fora”. Talvez seja por causa disso que o narrador, consciente de sua arte de contar história, começa a narrativa lançando mão de vários provérbios, nomeados por ele de improvérbios, por serem mencionados de forma contrária ao original como, por exemplo, “dá-se o braço e logo querem a mão” (ao invés de “dá-se a mão e querem logo o braço”), ou “juntar o inútil ao desagradável” (ao invés de “juntar o útil ao agradável”). Talvez seja uma forma de mostrar a inversão de valores ou a supressão de uma cultura milenar.

O que a família de Carolina valorizava era a vida na cidade, cercada de luxo e riqueza, muito diferente da vida no campo, da vida que a avó tinha na sua aldeia com as pessoas tão iguais a ela tanto no sofrimento como na falta de recursos para se viver melhor, habitantes de um lugar onde a “terra era mais frequentada por balas que por chuva” (p. 25).

Há na crônica um verdadeiro conflito entre a tradição, representada pela vovó, e a modernidade, representada pela família, que culminará com a ação de Carolina de quebrar o televisor, como reação à influência da cultura estrangeira. É curioso observar que Carolina tem uma postura que preza pela igualdade entre “os seus”, denunciada a partir do discurso indireto do narrador, que traz à tona reflexões da vovó acerca do luxo em demasia que a família possui, do porquê de não ser distribuído entre todos os bens materiais, além de descrever a cena em que a vovó se compadece da miséria alheia, como podemos verificar no fragmento a seguir:

Logo no passeio, ela viu os meninos esfarrapados, a miséria mendigando. Quantas mãos se lhe estenderam, acreditando que ela fosse proprietária de fundos bolsos? A avó sentou na esquina, tirou os óculos, esfregou os olhos. Chorava? Ou seriam apenas lágrimas faciais, por causa das indevidas lentes? (COUTO, 2006, p. 27)

A ideia de regresso é muito forte nesta crônica e comparece, mais discretamente, em outras narrativas de Mia Couto como “A velha e a aranha”, “A carta”, ambas também presentes no livro *Cronicando* (2006) e “Chuva: a abensonhada”, uma das histórias que compõe o livro *Estórias abensonhadas* (1994).

Essa ideia aparece em “Sangue da avó, manchando a alcatifa” através do desejo de Carolina de voltar para a sua terra, para o seu lugar. Desejo este florescido desde os seus primeiros questionamentos, mas “abandonados” quando a família a seduz, oferecendo-lhe roupas, sapatos e óculos novos. É justamente no primeiro passeio da vovó na cidade que ocorre a cena descrita acima. As pessoas vendo-a elegante acham que é rica. Consternada diante dessa situação, a velhinha se desespera e começa a chorar. Ao chegar a casa se desfaz daquela roupa e volta a vestir sua roupa simples, juntando-se às pessoas que estavam na sala, **inexistindo, entre o parêntesis dos parentes.** (COUTO, 2006, 27, grifo nosso)

Toda a simbologia presente no “não existir” na sala vem ratificar o abandono e a solidão vividos pela personagem, reforçados pela ideia do “parêntesis” existente entre ela e a família, sinalizando o isolamento em que ela está inserida mesmo estando entre os seus.

A solidão da personagem se dá em dois planos distintos: um vivido no próprio seio familiar, outro vivido na aldeia. No primeiro plano, a solidão é proporcionada não apenas pelo tratamento desdenhoso da família, mas também por ela, que se ensimesma por não compreender determinadas atitudes e postura dos parentes. Já no segundo plano, a solidão se dá apenas porque a personagem mora, possivelmente, sozinha, mas é uma solidão, de certa forma, benéfica, pois ela “abre mão” de morar com os seus parentes para viver em uma casa sozinha na aldeia, porém rodeada por pessoas com as quais ela se identifica.

De acordo com Montaigne (1972), quando buscamos a solidão estamos querendo “viver mais à vontade e como nos agrada” (MONTAIGNE: 119). O “viver só” ou o “voltar para a aldeia” traria de volta a alegria de viver, que estava associada à sua real identificação com aquela vida. O espaço com o qual a personagem se identifica é a aldeia, com pessoas que compartilham da mesma dor, dos mesmos sofrimentos, das mesmas “magras sobrevivências”. (p. 25)

De fato, muitas vezes, o “estar só” é algo procurado por nós, outras vezes, esse estado de isolamento é provocado por causa da vida moderna e das frágeis relações sociais que se estabelecem entre os indivíduos, como podemos perceber na relação familiar presente na crônica em estudo.

Ainda de acordo com o filósofo, se optamos pela verdadeira solidão, precisamos não só nos isolar das pessoas como também estar em paz consigo mesmo (MONTAIGNE: 120). É justamente em busca dessa paz que a personagem parte.

É curioso observar que a verdadeira solidão só será sentida quando ela está cercada por parentes, é no momento que há mais pessoas ao seu redor, que ela se sente mais sozinha. Sua experiência de vida bem como o seu conhecimento adquirido através dos anos não são valorizados, fato comum, segundo Ecléa Bosi (1994), principalmente na sociedade industrial, que sofre um processo de urbanização acelerado.

Outro aspecto importante do comportamento da personagem é a valorização da narrativa oral – hábito antigo que reúne e aproxima as pessoas. Para Carmen Lúcia Tindó Secco (1994),

Esse caráter artesanal da narração, cujo encantamento imprimia no ouvinte o sabor das tradições, se perde no mundo moderno, onde burocracia, técnica e informação bloqueiam o tônus vital responsável pelo fluir das lembranças. Decai, por tal motivo, nas sociedades industrializadas, a arte de contar histórias, fazendo com que as raízes e os elos com o passado sejam rompidos e o presente se torne um mosaico estilhaçado. (COUTO, 2006, p. 25)

De fato, no mundo moderno dificilmente vemos algum espaço cedido para a narrativa oral, muito comum, principalmente na zona rural. Uma tradição que perpassa gerações e que fica mais fortemente enraizada na cabeça dos mais velhos – detentores de experiência e de sabedoria.

Na crônica, a personagem lembra o ato de contar histórias por ver os netos em roda, mas não para escutar alguma história oral, típica da tradição, mas por causa do televisor:

Filhos e netos se fechavam numa roda, assistindo vídeo. Quase lhe vinha um sentimento doce, a memória da fogueira arredondando os corações. E lhe subia uma vontade de contar estórias. Mas ninguém lhe escutava. Os miúdos enchiam as

orelhas de auscultadores. O genro, de óculos escuros, se despropositava, rressonante. A filha tratava-se com pomadas, em homenagem aos gala-galas. A avó regressava à sua ilha, recordando a aldeia. (COUTO, 2006, p. 26)

É neste contexto de solidão, de abandono e de não identificação com a vida na cidade bem como com a vida de luxo que a família vive, que surge em Carolina o desejo de regressar. Mesmo tendo consciência de que a aldeia estava devastada pela guerra é justamente lá que ela se reconhece enquanto ser social. No mundo moderno não há muito espaço para a troca de experiências, para a narratividade oral, em contrapartida, valoriza-se muito a informação da imprensa, dos telejornais.

De acordo com Ecléa Bosi (1994), também perdemos a faculdade de escutar e quanto mais nos esquecemos de si mesmos, enquanto ouvintes, mais nos “contaminamos” pela história narrada, gerando uma transmissão, quase natural, da arte de narrar. (p. 88)

Encantado com a arte de contar história o narrador desse tipo de narrativa selava um “pacto” com o ouvinte, baseado “no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido”. (SECCO, 1994: 90). Ainda de acordo com a autora, uma “sociedade que não valoriza a velhice como depositário das tradições, não alcança uma verdadeira independência, porque, sem memória, permanece culturalmente descaracterizada”. (p. 6). Daí a necessidade em se chegar a um denominador comum que una a tradição e a modernidade, pois, na verdade, elas não são excludentes, mas se complementam e acompanham as transformações sociais, como alega Chabal (1994), ao mencionar que “na realidade, toda cultura é uma constante fusão transformativa do tradicional e do moderno. Deste modo, modernidade não é o inverso de tradição, mas antes tradição tal como mudou e se modernizou”. (p. 23)

Outro aspecto importantíssimo é o desfecho da história, que se dá a partir do momento em que a avó Carolina quebra o televisor. Ao chegar a casa, depois do seu passeio na cidade, a personagem assiste a uma reportagem sobre a guerra, mostrando os chamados “bandidos” (representantes da RENAMO – Resistência nacional moçambicana) e suas ações. Enraivecida com as cenas, a personagem, com sua bengala, quebra o aparelho, recolhe os restos, coloca-os em um saco e entrega-os ao genro:

- Estão aqui todos – disse.

E entregou o saco ao genro. Do plástico pingavam gotas de sangue. O genro espreitou as próprias mãos. Não, ele não se tinha cortado. Era sangue da avó, gotas antiquíssimas. Tombaram no tapete, em vermelha acusação.

Na manhã, seguinte, a avó despachou o seu regresso. Voltou à sua terra, nem dela se soube mais. (COUTO, 2006, p. 28)

A quebra do aparelho é muito simbólica, porque a televisão representa, de certa forma, a influência do que “vem de fora”. O verbo “tombar” é um reforçador na construção da forte cena juntamente com a atitude da própria personagem de regressar, na verdade, de despachar-se (o que torna o ato ainda mais agressivo), e, principalmente, de não dar mais notícia.

Para a família, a atitude da velha senhora está associada à sua insanidade. A revolta de Carolina bem como a sua atitude, a priori, assusta a família, mas sem demora, ela se recompõe (e até sorri do fato acontecido, atribuído único e exclusivamente à loucura), e compra um novo e mais moderno aparelho de TV, pois afinal de contas “o anterior já nem era compatível” (p. 28).

O mais interessante desse ato é que o sangue derramado na alcatifa perpetuou como “prova viva” ou como um protesto às atitudes alienantes da família, esquecida da tradição. Os

parentes de Carolina tentaram lavar, tentaram tirar os tapetes, chamaram até um feiticeiro – atitude contraditória, já que a valorização da modernidade se contrapõe, de certa forma, à crença em feiticeiros – mas nada adiantou, pois “aquele sangue não terminava, crescia com os tempos, transitando de gota para rio, de rio para oceano. Aquela mancha não podia, afinal, resultar de pessoa única. Era sangue da terra, soberano e irrevogável como a própria vida”. (p. 28)

É um final extremamente simbólico e fantástico que traz à tona a consciência do indivíduo, no caso, do feiticeiro, em reconhecer que a mancha no tapete (objeto que representa, juntamente com outras coisas, a riqueza da família), pertencia a toda uma nação e que, por isso, não se extinguia facilmente.

O autor no próprio título da crônica - “Sangue da avó, manchando a alcatifa” - já traz inserido essa constância do sangue, já que o uso do verbo no gerúndio dá uma ideia de ação contínua, de algo que não tem fim.

Observa-se que a força da crônica nasce, entre outros fatores, da riqueza de detalhes de que lança mão o narrador na construção da personagem, de momentos fortes bem como da linguagem explorada nas suas virtualidades. Temas como regresso, solidão, abandono são facilmente percebidos, não apenas nesta crônica, mas em muitas narrativas de Mia Couto, já que é uma literatura nascida em um contexto histórico totalmente arraigado às guerras, aos conflitos vividos em Moçambique. Daí também serem recorrentes idosos e crianças como personagens principais, já que em tempo de guerra são eles que ficam em casa à espera dos regressados - jovens e adultos que partem para o combate. Enfim, é um texto que não tem como ser passado despercebidamente por ninguém dado à sua beleza e ao seu poder de comover.

3. Referências

BOSI, Ecléa. Tempo de lembrar. In: _____. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 73 – 91

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**: literatura e nacionalidade. Lisboa: Vega, 1994.

COUTO, Mia. Chuva: a abensonhada. In: _____. **Estórias abensonhadas**. Lisboa: Caminho, 1994. p. 59-62

_____. Sangue da avó, manchando a alcatifa. In: _____. **Cronicando**: crônicas. 8. ed. Alfragide: Caminho, 2006. 25-28

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MONTAIGNE, Michel de. Da Solidão. In: _____. **Ensaio**s. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1972. p. 50-60

REVISTA ENTRE LIVROS: África. n. 6, São Paulo, 2009. 97 p.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. O velho nas malhas da ficção. In: _____. **Além da idade da razão**: longevidade e saber na ficção brasileira. Rio de Janeiro: Graphia, 1994. p. 34 – 106